

Veículo: Jornal do Commercio

Editoria: Opinião

Tipo notícia: Artigo

Página: A1-A4

Data de publicação: 14/10/2026

Origem da notícia: Iniciativa da mídia

Categorias: FIEAM

Valoração: R\$ 15.028,33

FIEAM **SESI** **SENAI** **IEL**

O Amazonas está queimando



Augusto Rocha

O Amazonas está queimando

Augusto Rocha*O Amazonas está em meio a uma condição de respiração inaceitável. Há vários incêndios no entorno de Manaus. Cidades como: Autazes, Borba, Codajás, Manicoré e Nova Olinda do Norte estão com o índice de Qualidade do Ar insalubre ou muito insalubre. Não parece haver ações contundentes para sanar a condição. O recurso que aparece dá a impressão de ser insuficiente e muito distante do que é necessário. Parece que não temos ambientalistas quando mais precisamos deles. Não percebo a ampliação de suas vozes neste momento alarmante. Se não conseguimos ficar tristes com esta condição de respiração, se estamos estáticos neste momento, há algo muito errado na estrutura social. Perdemos a capacidade de dialogar e enfrentar um problema que afeta o ponto mais básico do chamado "pulmão do mundo": o ar que se respira. A poluição das queimadas não pode ser normalizada. Estamos em meio à várias grandes queimadas. O território somado destes municípios é de 136.651 quilômetros quadrados. Esta área é praticamente a mesma da Grécia inteira, maior que a Islândia e Bélgica somadas. Temos um território equivalente a um ou mais países sendo tragado pelo ar sem qualidade para respiração humana e estamos assistindo a isso sem transformar o fato numa operação de guerra no combate das queimadas. A dessensibilização é uma das características mais danosas de corrosão do tecido democrático. Boaventura de Souza Santos analisa esta crise do contrato social, quando o coletivo deixa de ter importância. É como se respirar um ar puro fosse um privilégio indevido. Respirar um ar saudável é uma necessidade e todo os esforços de-veriam estar voltados para isso. Mas não vemos um movimento amplo e determinado nesta direção. Ja-son Stanley também discute isso, quando ampliamos a tolerância para estes temas intoleráveis. Não faz sentido normalizar a queimada. Não faz sentido aceitarmos passivamente esta situação. Já passou da hora, mas nunca é tarde. É necessário enfrentar esta crise. Falta dar o nome de crise para uma condição inaceitável que temos. Um pré-requisito para a barbárie é a remoção da sensibilização social. Não podemos tolerar esta condição de quietude em meio este cenário de destruição, cheio de focos de incêndio, de fumaça e de fogo. O alarme local é tímido. O alarme nacional menos ainda. Todavia, olho pela janela e só vejo fumaça. Faz dias que estamos assim. A cidade toda. Sem trégua. É inaceitável que este assunto não ganhe um enfrentamento apropriado. Por onde andam os jornalistas e ambientalistas com drones. Cobrimos eventos de incêndio nos EUA ou Europa, mas somos incapazes de dar importância para o território brasileiro pegando fogo. Quem são os interessados nestes incêndios? Por que eles acontecem? Qual a dificuldade dos órgãos competentes? O Ministério Público já considerou analisar a questão? Há uma emergência. Esta dessensibilização das mídias e das massas é um dos elementos mais danosos para uma democracia. Precisamos colocar luz nesta questão e dar importância, porque o Brasil é mais do que o litoral. As queimadas que temos estão distantes das pequenas preparações de pasto ou de área para plantio. Enquanto não houver um entendimento das causas das queimadas e um conjunto de ações para evitar que elas voltem a acontecer, ficaremos destruindo a floresta e a saúde de milhões de pessoas. Qual a razão da paralisia?*é professor da Ufam



Augusto Rocha*

O Amazonas está queimando

O Amazonas está em meio a uma condição de respiração inaceitável. Há vários incêndios no entorno de Manaus. Cidades como: Autazes, Borba, Codajás, Manicoré e Nova Olinda do Norte estão com o Índice de Qualidade do Ar insalubre ou muito insalubre. Não parece haver ações contundentes para sanar a condição. O recurso que aparece dá a impressão de ser insuficiente e muito distante do que é necessário. Parece que não temos ambientalistas quando mais precisamos deles. Não percebo a ampliação de suas vozes neste momento alarmante.

Se não conseguimos ficar

tristes com esta condição de respiração, se estamos estáticos neste momento, há algo muito errado na estrutura social. Perdemos a capacidade de dialogar e enfrentar um problema que afeta o ponto mais básico do chamado “pulmão do mundo”: o ar que se respira. A poluição das queimadas não pode ser normalizada. Estamos em meio à várias grandes queimadas.

O território somado destes municípios é de 136.651 quilômetros quadrados. Esta área é praticamente a mesma da Grécia inteira, maior que a Islândia e Bélgica somadas. Temos um território equivalente a um

ou mais países sendo tragado pelo ar sem qualidade para respiração humana e estamos assistindo a isso sem transformar o fato numa operação de guerra no combate das queimadas. A dessensibilização é uma das características mais danosas de corrosão do tecido democrático. Boaventura de Souza Santos analisa esta crise do contrato social, quando o coletivo deixa de ter importância.

É como se respirar um ar puro fosse um privilégio indevido. Respirar um ar saudável é uma necessidade e todo os esforços deveriam estar voltados para isso. Mas não vemos um

movimento amplo e determinado nesta direção. Jason Stanley também discute isso, quando ampliamos a tolerância para estes temas intoleráveis. Não faz sentido normalizar a queimada. Não faz sentido aceitarmos passivamente esta situação. Já passou da hora, mas nunca é tarde. É necessário enfrentar esta crise. Falta dar o nome de crise para uma condição inaceitável que temos. Um pré-requisito para a barbárie é a remoção da sensibilização social. Não podemos tolerar esta condição de quietude em meio este cenário de destruição, cheio de focos de incêndio, de fumaça e de fogo.

O alarme local é tímido. O alarme nacional menos ainda. Todavia, olho pela janela e só vejo fumaça. Faz dias que estamos assim. A cidade toda. Sem trégua. É inaceitável que este assunto não ganhe um enfrentamento apropriado. Por onde andam os jornalistas e ambientalistas com drones. Cobrimos eventos de incêndio nos EUA ou Europa, mas somos incapazes de dar importância para o território brasileiro pegando fogo. Quem são os interessados nestes incêndios? Por que eles acontecem? Qual a dificuldade dos órgãos competentes? O Ministério Público já considerou analisar

a questão?

Há uma emergência. Esta dessensibilização das mídias e das massas é um dos elementos mais danosos para uma democracia. Precisamos colocar luz nesta questão e dar importância, porque o Brasil é mais do que o litoral. As queimadas que temos estão distantes das pequenas preparações de pasto ou de área para plantio. Enquanto não houver um entendimento das causas das queimadas e um conjunto de ações para evitar que elas voltem a acontecer, ficaremos destruindo a floresta e a saúde de milhões de pessoas. Qual a razão da paralisia?

*É professor da UFPA

Impresso:

<https://amazonclipv2.s3.amazonaws.com/impressos/2026/10/14/Ny0xNC0xMC0yMDI2XzA4OjQ2.png>